

666

Dr. Aníbal Pereira dos Reis

Edições Cristãs

DISTINGUINDO DUAS FERAS

O livro do Apocalipse, em seu capítulo 13, apresenta duas bestas figurais.

Diferentes em sua origem: uma provém do mar e a outra da terra.

Diferentes em sua natureza: aquela com “dez chifres e sete cabeças” (v. 1); “semelhante a leopardo, com pés como de urso e boca como de leão” (v. 2). Esta “com dois chifres, parecendo cordeiro” (v. 11). À primeira “deu-lhe o dragão o seu poder, o seu trono e grande autoridade” (v. 2). A segunda “falava como dragão” (v. 11).

Diferentes em suas atividades: a primeira fera, a besta híbrida porque permista de leopardo, urso e leão, colocada na sua extrema arrogância como um deus, “abriu a boca em blasfêmias contra Deus, para Lhe difamar o Nome e difamar o tabernáculo, a saber, os que habitam no céu. Foi-lhe dado, também que pelejasse contra os santos e os vencesse” (v. 6).

A segunda fera também dotou-se de autoridade, mas autoridade dependente, pelo menos no seu começo, porque “exerce toda autoridade da primeira besta na sua presença e faz com que a terra e os seus habitantes adorem a primeira besta” (v. 12).

Esta segunda besta, contudo, desfrutava de um poder que a primeira não tinha: o de realizar prodígios. “Também opera grandes sinais, de maneira que até fogo do céu faz descer à terra, diante dos homens. Seduz os que habitam sobre a terra por causa dos sinais que lhe foi dado executar diante da besta, dizendo aos que habitam sobre a terra que façam uma imagem à besta, àquela que, ferida à espada, sobreviveu; e lhe foi dado comunicar fôlego à imagem da besta, para que não só a imagem falasse, como ainda fizesse morrer quantos não adorassem a imagem da besta. A todos, os pequenos e os grandes, os ricos e os pobres, os livres e os escravos, faz que lhes seja dada certa marca sobre a mão direita ou sobre a fronte, para que ninguém possa comprar ou vender, senão aquele que tem a marca, o nome da besta ou o número do seu nome. Aqui está a sabedoria. Aquele que tem entendimento calcule o número da besta, POIS É NÚMERO DE HOMEM. ORA, ESSE NÚMERO É SEISCENTOS E SESSENTA E SEIS” (Apocalipse 13:13-18).

Esta segunda besta, portanto, difere da primeira também por ter um sinal característico e um nome em cifra.

“Aqui está a sabedoria”

O cálculo do número da besta requer sabedoria.

Mas o que é sabedoria?

É esclarecimento, erudição, soma de conhecimentos. É o entendimento da Verdade. E no campo espiritual é a ciência das coisas de Deus.

Por isso a grande sabedoria do crente evangélico é atender à vontade de Deus (Deuteronômio 4:6).

Então a sabedoria se torna em retidão, justiça, prudência.

Ela é inexcedível em seu valor intrínseco. “*A sabedoria é a coisa principal*” (Provérbios 4:7 – ARC). “*Não se dá por ela ouro fino, nem se pesa prata em câmbio dela. O seu valor não se pode avaliar pelo ouro de Ofir, nem pelo precioso ônix, nem pela safira. O ouro não se iguala a ela, nem o cristal; ela não se trocará por jóia de ouro fino; ela faz esquecer o coral e o cristal; a aquisição da sabedoria é melhor que a das pérolas*” (Jó 28:15-19).

E, por sobrepujar todas as demais coisas, o sábio exorta: “*Adquire a sabedoria; sim, com tudo o que possuis, adquire o entendimento*” (Provérbios 4:7).

Em consequência de sua invulgar valia, é melhor adquiri-la do que o ouro ou a prata (Provérbios 16:16). Possuí-la é ter a vida preservada (Eclesiastes 7:12). “*Feliz o homem que acha sabedoria, e o homem que adquire entendimento; porque melhor é o lucro que ela dá do que o da prata, e melhor a sua renda do que o ouro mais fino*” (Provérbios 3:13-14).

As Sagradas Escrituras, por serem a Palavra de Deus, são o manancial inesgotável da sabedoria (Salmo 19:7) por nos revelarem o Senhor, “*o Deus da sabedoria*” (I Samuel 2:3) e digno dela (Apocalipse 7:12).

Revelam-nos elas Jesus Cristo, por Deus feito sabedoria (I Coríntios 1:30).

Como Cordeiro, Ele é digno dela (Apocalipse 5:12). NEle “*todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento estão ocultos*” (Colossenses 2:3).

As Escrituras apresentam-nos também o Evangelho como “*sabedoria de Deus*” (I Coríntios 1:24). Se, por ser inexcedível o seu valor, devemos adquiri-la, nela precisamos andar (Colossenses 4:5). Nem a dos príncipes

deste mundo (I Coríntios 2:6). Nem a “*carnal*” (II Coríntios 1:12). E sim a “*pura*” (Tiago 3:17).

Nesse caso, fazemos nossa a pergunta de Jó, o patriarca idumeu: “*Mas onde se achará a sabedoria?*” (Jó 28:12).

No temor do Senhor! Porque “*o temor do Senhor é a sabedoria*” (Jó 28:28).

À imitação de Paulo apóstolo, preocupado em orar pelos colossenses a fim de serem eles transbordantes “*de pleno conhecimento da Sua vontade, em toda a sabedoria e entendimento espiritual*” (Colossenses 1:9), dando, outrossim, de mão a nossa própria sabedoria (Provérbios 23:4), iremos, como quem tem entendimento, perscrutar a sabedoria alusiva ao número SEISCENTOS E SESSENTA E SEIS.

Confiantes e cheios de fé, firmes e sem vacilações, peçamo-la a Deus, “*que a todos dá liberalmente e nada lhes impropria, e ser-lhe-á concedida*” (Tiago 1:5).

Seguros de tê-la recebido, porquanto a Palavra nos garante: “*e ser-lhe-á concedida*”, estudaremos o assunto até agora pouco sondado e do qual fluirão preciosíssimos e atualíssimos ensinamentos. Ensinamentos estes que nos tornarão refratários às insinuações da apostasia hoje grassante.

.oOo.

O DONO DO NÚMERO SEISCENTOS E SESSENTA SEIS

A segunda besta é designada pelo números seiscentos e sessenta e seis. Todavia, quem é ela?

Daniel e Apocalipse são correlativos. Entre esses dois livros das Escrituras há dependência recíproca. Ambos completam-se.

Em consequência, torna-se impossível o entendimento de um sem o outro.

Desejamos aqui dar apenas um resumo do estudo sobre o assunto exposto em meu livro A BESTA DO APOCALIPSE, cuja leitura recomendo.

Daniel, em sonho registrado no capítulo 7 de sua obra, viu quatro animais figurativos. O quarto, “*terrível, espantoso e sobremodo forte, o qual*

tinha grandes dentes de ferro... tinha dez chifres” (v. 7). Esta fera corresponde à besta híbrida de Apocalipse 13:1-10, que também tem dez chifres.

Se a particularidade destas dez pontas identifica o animal das duas descrições, a de Daniel e a do Apocalipse, a figuralidade destes elementos também se identifica, pois tanto o profeta como João veem nos dez chifres a alegoria de dez reis (Daniel 7:24; Apocalipse 17:12).

Da primeira besta procede a segunda, pois daqueles dez chifres “*subiu outro pequeno, diante do qual três dos primeiros chifres foram arrancados; e eis que neste chifre havia olhos, como os de homem, e uma boca que falava com insolência*” (Daniel 7:8, 20). E “*falava como dragão*” (Apocalipse 13:11).

“*Eis que este chifre fazia guerra contra os santos e prevalecia contra eles... Proferirá palavras contra o Altíssimo, magoará os santos do Altíssimo e cuidará em mudar os tempos e a lei; e os santos lhe serão entregues nas mãos, por um tempo, dois tempos e metade de um tempo*” (Daniel 7:21, 25). Apocalipse, a esta sanha de perseguição, acrescenta alguns dados: “*E lhe foi dado... que... ainda fizesse morrer quantos não adorassem a imagem da besta. A todos, os pequenos e os grandes, os ricos e os pobres, os livres e os escravos, faz que lhes seja dada certa marca sobre a mão direita ou sobre a fronte, para que ninguém possa comprar ou vender, senão aquele que tem a marca, o nome da besta ou o número do seu nome*” (Apocalipse 13:15-17).

Nestas indicações do profeta e do vidente de Patmos temos o fio da meada ou a chave para a exata aplicação do número seiscentos e sessenta e seis ao seu legítimo dono.

A primeira besta é figurativa do imperador romano, enquanto a segunda alegoriza o “papa”, por ser ele o Anticristo ou o Falso Profeta. A segunda besta de Apocalipse 13:11-18, que corresponde ao chifre figural saído daqueles dez chifres do quarto animal das visões de Daniel, é o “PAPA”, chefe supremo do catolicismo romano. A ele cabe o número seiscentos e sessenta e seis. Ele é um homem, embora se intitule João XXIII, Paulo VI, João Paulo I, João Paulo II,...

Com efeito, o “papa” historicamente se origina do Império Romano ou latino. A sua ascensão exigiu a queda de três reinos bárbaros (o dos hérulos, o dos ostrogodos e o dos lombardos), fato esse propício à instalação dos Territórios Pontifícios e da supremacia do papado sobre os seus companheiros (Daniel 7:20).

Se me fosse dado permitir, afirmaria encontrarem-se, em todos os pormenores, registradas todas as informações históricas sobre o palpante assunto no livro de minha autoria A BESTA DO APOCALIPSE.

Nesse livro, destituído de quaisquer fantasias ou extravagantes ficções, apresento um estudo sério, porque à luz das Escrituras Sagradas, e dos eventos históricos com os quais se cumprem as profecias relativas ao Anticristo, o “papa”, soberano pontífice do sistema católico romano, cuja hierarquia é a imagem da besta. Sistema esse, outrossim, simbolizado por aquela mulher montada, vestida de púrpura e de escarlata, adornada de ricas jóias, portadora de um cálice transbordante de abominações e a *“Babilônia, a grande, a mãe das meretrizes e das abominações da terra”* (Apocalipse 17:3-5).

O número seis

É o do homem! É um a menos do sete que denota totalidade, perfeição, plenitude. Bílicamente, o seis representa a condição incompleta, a imperfeição, as falhas e os fracassos do homem decaído. Por isso, entre ele e a vida humana sempre houve íntima relação.

Criado o homem ao sexto dia, cabe-lhe trabalhar seis dias. Seis eram os anos de serviço para o escravo hebreu. Como Homem, Jesus Cristo, que Se deixou sacrificar pelo pecador, morreu numa sexta-feira. A mulher samaritana, a primeira pessoa a quem Jesus Se revelou como

Messias, depois de ter tido cinco maridos, agora tinha o sexto que, todavia, não era o seu marido.

Expressa, ainda, a oposição franca e contumaz contra a obra de Deus. Os filisteus, ferrenhos inimigos do povo eleito, tiveram em Golias, de Gate, o seu campeão, marcado com o número seis. De seis côvados e um palmo de estatura (I Samuel 17:4). Monstruosidade genética, tinha “seis dedos em cada mão e seis dedos em cada pé” (I Crônicas 20:6; II Samuel 21:20). “A ponta de sua lança pesava seiscentos siclos de ferro” (I Samuel 17:7).

De modo particular, marca a idolatria. Ao longo das Sagradas Escrituras, deparamo-nos com seis materiais diversos usados na confecção de imagens esculpidas: ouro, prata, bronze (ou metal), ferro, madeira e pedra (Daniel 5:4, 23). A estátua de ouro construída por Nabucodonosor era de sessenta côvados de altura por seis de largura (Daniel 3:1), que deveria ser cultuada ao som de seis instrumentos

músicos diferentes: trombeta, flauta, harpa, cítara, saltério e gaita de foles (Daniel 3:5). Seis eram os principais títulos designativos dos atributos divinos exclusivos de Deus pelos imperadores romanos a si arrogados: *Deus* (Deus), *Divinus* (divino), *Augustus* (augusto), *filius Dei* (filho de Deus), *salvator* (Salvador) e *dominus* (Senhor).

Seis é o número do Homem! Alinhado por três vezes, especifica UM homem! É a cifra de UM HOMEM DETERMINADO! De UM HOMEM no qual sintetiza todo o figural de Apocalipse 13:11-18.

Seiscentos e sessenta e seis

Não é um criptograma, nem adivinhação ou charada. É o símbolo do mal elevado à sua máxima expressão.

É o seis no seu terceiro grau da completa maldade e da corrupção total.

São os três seis cuja enunciação ou pronúncia carrega o silvo ou a sibilação da serpente, o dragão, imagem de Satanás.

É a cifra da profundidade e da máxima malícia do pecado e da carga imponderável do castigo inerente porque, embora se multiplique a si próprio ao nível de seis, jamais atingirá o sete, que seria a perfeição culminante da maldade.

A cifra da idolatria

O mal elevado à sua potência máxima dentro da capacidade humana é o da idolatria, sobretudo a do culto FALSO a Deus, conforme desenvolvemos em nossos livros OS MEUS GRAVES PECADOS DE PADRE, A BESTA DO APOCALIPSE e A MÃE DAS PROSTITUIÇÕES.

De todos os pecados da carne o mais nojento é o da prostituição.

A prostituição consiste na entrega do seu corpo que a mulher sucessivamente faz a diferentes e muitos homens a troco de uma taxa monetária estabelecida. É o vil comércio dos órgãos sexuais. A idolatria é essa prostituição no terreno espiritual. De todos os pecados é o mais abominado por Deus.

A cifra seiscentos e sessenta e seis marca a idolatria. Encontramo-la já no Antigo Testamento.

Salomão recebera de Deus um coração muito sábio e entendido, que antes dele igual não houve e depois dele igual não se levantará (I Reis

3:12). “*Deu também Deus a Salomão sabedoria, grandíssimo entendimento e larga inteligência como a areia que está na praia do mar. Era a sabedoria de Salomão maior do que a de todos os do Oriente e do que toda a sabedoria dos egípcios. Era mais sábio do que todos os homens... De todos os povos vinha gente a ouvir a sabedoria de Salomão, e também enviados de todos os reis da terra que tinham ouvido da sua sabedoria*” (I Reis 4:29-34).

Coube-lhe a ventura inaudita de edificar o Templo e de consagrá-lo à Glória do Senhor.

Desgraçadamente, levado pelo amor, apegou-se o monarca a muitas mulheres, que lhe perverteram o coração para seguir deuses estranhos (I Reis 11:1-2). E o seu coração, descambado para a idolatria, deixou de ser perfeito para com Deus (I Reis 11:4).

Nesta fase da abjeção espiritual, o soberano é assinalado com o número seiscentos e sessenta e seis. Traziam-lhe cada ano seiscentos e sessenta e seis talentos de ouro! (I Reis 10:14; I Crônicas 9:13).

Idêntica cifra é atribuída ao “papa” o Anticristo, por ser ele o supremo pontífice do sistema católico romano, o útero no qual se geram todas as adulterações do Evangelho e todas as formas de idolatria. É ele, o seiscentos e sessenta e seis, plenipotenciário de Satanás, o máximo soberano da “mãe das prostituições”, “a grande Babilônia”, a trágica revivescência da Babilônia histórica no incrementar e sustentar a idolatria.

Uma objeção em debate

Os romanistas, os protestantes romanizados e os evangélicos criptocatólicos relutam em aceitar ser o “papa” a besta assinalada com a fatídica cifra. Dizem referir-se ela ao imperador romano. E de modo específico a Nero.

Suas especulações malabaristas, contudo, são incapazes de convencer.

De feito, é impossível o número em apreço corresponder à primeira besta, a fera híbrida de Apocalipse 13:1-10, a figura do imperador.

A segunda besta, a fera religiosa de Apocalipse 13:1-18, totalmente outra e diferente da primeira em sua origem, em sua natureza e em suas atividades, essa segunda besta sim, tem o nome cifrado com clareza registrado e a ela atribuído nos versículos 17 e 18.

Nero por algum tempo personificou a primeira besta e foi sobremodo truculento, como o foram Domiciano e Décio.

Mas é inadmissível atribuir-se-lhe a cifra seiscentos e sessenta e seis por jamais haver sido ele a segunda fera a quem compete com exclusividade esse número.

Gematria

Os idiomas antigos como o hebraico, o aramaico, o grego e o latim careciam de sinais numéricos especiais como hoje os temos. Usavam letras do alfabeto em lugar deles, ou seja, as letras eram também números.

Só em época posterior passou-se ao emprego dos algarismos recebidos dos árabes. Daí o nome de arábicos: 1, 2, 3, 4, 5,...

No latim, por exemplo, os nossos algarismos arábicos são substituídos pelas letras que nós conhecemos como números romanos. A letra I corresponde ao número um. Dois II ao dois. O X ao dez. O nove ao X antecedido de I = IX. O cem corresponde à letra C. Quinhentos à D.

Por isso, tanto no latim como no hebraico e no grego, uma palavra podia conhecer-se de dois modos: pela pronúncia fonética da mesma ou pelo valor numérico de suas letras.

Por conseguinte, a GEMATRIA é a arte empregada para indicar os nomes recorrendo-se ao valor numérico de suas letras. Isto é, somando-se as letras de qualquer nome obtém-se o número que é a cifra do nome.

Exemplifico! *DUX* em latim, que quer dizer “chefe”, podia ser representado pela cifra 515 porque D vale quinhentos, U (que no latim tem a grafia de V) vale cinco e X que vale dez. Somando-se esses número obtém-se quinhentos e quinze.

Agora, um exemplo em grego. O Nome de Jesus.

O sagrado Nome, em grego *IHSOYS*, resulta o valor gemátrico de oitocentos e oitenta e oito.

Observe-se a demonstração seguinte:

I (em grego, iota).....	10
H (em grego eta).....	8
S (em grego sigma).....	200
O (em grego omikrom).....	70
Y (em grego ypsilon).....	400
S (em grego sigma).....	<u>200</u>
	888

Os povos judeus e greco-romanos apreciavam muito a gematria. A. Deismann (*Licht vom Osten*, Tubinga, 1909, p. 207) afirma que em

Pompeia se ofereciam abundantes e excelentes exemplos de seu emprego, como este: “Eu amo a moça cuja cifra é 545”.

Uma dificuldade em explicação

Só uma cifra pode corresponder a muitos nomes enquanto um só nome produz apenas uma só cifra. Portanto, sabendo-se o nome é sobremaneira fácil tirar a sua cifra. Conhecendo-se uma cifra, em contrapartida, pode-se tornar praticamente impossível concluir-se com certeza qual será o nome pretendido.

Esta dificuldade muito séria, contudo, pode ser solucionada com o concurso de elementos ou informações circundantes ou outras circunstâncias favoráveis ao esclarecimento do enigma.

É o caso do nosso seiscentos e sessenta e seis.

As informações determinantes de Apocalipse livram “*aquele que tem entendimento*” de elucubrações inúteis. E também contrárias ao espírito e à intenção do escritor sagrado.

À luz das circunstâncias registradas em Apocalipse e das informações por esse livro fornecidas, quem tem entendimento poderá calcular o número da besta (Apocalipse 13:18).

Portanto, é uma questão de simple pesquisa.

Sabemos com segurança absoluta que esse valor gemátrico nunca pode se referir a qualquer imperador romano pelo motivo já esclarecido em tópico anterior. Ou seja, essa cifra é atribuída à segunda besta de Apocalipse 13:11-18 e não à primeira de Apocalipse 13:1-10, que é a alegoria do imperador.

Aliás, no contexto, dentre outros se destaca o seguinte dado circundante: a besta cujo nome é cifrado opera grandes prodígios. Ora, a primeira besta, figural do monarca romano, não tem esse poder.

O “papa” é o homem do seiscentos e sessenta e seis

Verifica-se que o valor numérico das letras varia de conformidade com o seu respectivo idioma.

A qual das três línguas recorreremos para encontrar o cálculo da cifra de Apocalipse 13:18?

João era hebreu e a gematria estava muito em voga entre o seu povo, predominando, outrossim, na Ásia Menor o elemento hebraizante. Por esse motivo nos valeremos do hebraico?

Aproveitar-nos-emos do grego, o idioma do original do Novo Testamento? Ou ao latim recorreremos por ser no passado a língua do Império Romano e, posteriormente, do catolicismo, a “igreja” do “papa”? Optemos iniciar pelo grego, tendo em vista haver sido o Apocalipse, originalmente, escrito em grego como, de resto, todo o Novo Testamento, tanto mais que João, ao designar Jesus Cristo e Deus como o Princípio e o Fim, emprega as duas letras dos extremos do alfabeto grego “alfa” e “ômega” (Apocalipse 1:8; 21:6). Começar pelo grego já nos ocasiona uma facilidade incomum porque o trabalho de há séculos foi feito.

E, de fato, Irineu (120-202 d.C.) foi quase contemporâneo de João. Foi ele, em Esmirna, discípulo de Policarpo, o qual, por sua vez, teve por mestre o próprio João, escritor do Apocalipse.

Pois bem, Irineu em sua obra *ADVERSUS HAERESIS* (V, 30, 1-3), com absoluta imparcialidade, porquanto foi muito anterior aos acontecimentos que criaram o “papado”, propôs, assim como uma espécie de vaticínio, o verdadeiro cálculo gemátrico de seiscientos e sessenta e seis no vocábulo grego *LATEINOS*, que significa “LATINO”. Já estamos informados de que cada letra grega representa um determinado número.

Darei o cálculo das letras portuguesas correspondentes às gregas no intuito de facilitar a todos a devida compreensão:

L (em grego landa).....	30
A (em grego alfa).....	1
T (em grego (tau).....	300
E (em grego epsilon).....	5
I (em grego iota).....	10
N (em grego nu).....	50
O (em grego omikrom).....	70
S (em grego sigma).....	<u>200</u>

666

Eis aí, segundo Irineu, o escritor cristão de remotas eras, o número da besta, que é o número de um homem.

Ora, este homem é alegorizado pela besta de Apocalipse 13:11-18, cuja organização ou sistema religioso é figurado pela mulher que cavalga a

alimária de sete cabeças e dez chifres, que outra coisa não é senão o Império Romano ou latino (Apocalipse 17:3). Com efeito, a sistemática papal montou o Império latino e dele sugou até o modelo de sua organização sócio-político-administrativa.

A identificação de Roma é perfeita, pois as sete cabeças são os sete montes (Apocalipse 17:9) sobre os quais se ergue a capital mundial do catolicismo.

Aliás, o catolicismo se apresenta como a “igreja” católica *ROMANA* ou *LATINA*, cuja língua peculiar e oficial é o latim.

É o sistema latino ou romano estabelecido na cidade dos sete montes que ambicionava alargar o seu império a todo o mundo e subjuguar todas as consciências.

A confirmação do hebraico

Principiamos pelo idioma grego por razões óbvias, sem pretendermos fugir da língua hebraica.

Nesta, deparamo-nos com o vocábulo *RWMYYT* (*ROMANO*, que é sinônimo de *LATINO*) e dá a idêntica cifra de seiscentos e sessenta e seis. Aportuguesamos os sinais gráficos com o mesmo objetivo anterior:

R (em hebraico reche).....	200
W (em hebraico vave).....	6
M (em hebraico meme).....	40
Y (em hebraico iode).....	10
Y (em hebraico iode).....	10
T (em hebraico tau).....	<u>400</u>
	666

Ora, o catolicismo, cujo chefe é o “papa” não se designa “igreja romana”?

Impossível ser outro

O seiscentos e sessenta e seis “é o número de um homem”! É inarredável a conclusão de ser esse homem o “papa” embora, na sua

sucessão, ele se cognomine João XXIII, Paulo VI, João Paulo I, João Paulo II...

No catolicismo romano ou latino, a autoridade soberana se encarna num homem.

Deus o Pai, Deus o Filho e Deus o Espírito Santo são a Trindade Santíssima! Em Suas operações, *ad extra*, ou seja, no exercício de Suas funções ou ministérios, o Filho aparece subordinado ao Pai e o Espírito Santo ao Pai e ao Filho.

Apocalipse 13 revela-nos a trindade malíssima, uma paródia perante os homens

O dragão, “*a antiga serpente, que se chama diabo e Satanás*” (Apocalipse 12:9), aparece no exercício de pai, de criador da besta híbrida, a primeira fera de Apocalipse 13:1-10: “*E deu-lhe o dragão o seu poder, o seu trono e grande autoridade*” (v. 2).

Procura também arremedar Deus o Filho que recebeu do Pai a autoridade e todo o poder (Mateus 28:18; Lucas 10:22; João 13:3; 17:2; Mateus 11:27; Daniel 7:14), fazendo com que a besta receba dele, dragão, a sua autoridade (Apocalipse 13:4).

A besta religiosa (Apocalipse 13:11-18), o Falso Profeta (Apocalipse 16:13; 19:20; 20:10), por seu turno, quer imitar o Espírito Santo.

Discorrendo sobre o Santo Espírito, Jesus Cristo, em João 16:14, afirma: “*Ele Me glorificará, porque há de receber do que é Meu e vo-lo há de anunciar*”.

No tocante à primeira besta, é esta a atuação do Falso Profeta. Que quer que os homens a glorifiquem, adorando-a (Apocalipse 13:12). Induziu-os a fazer uma imagem da besta (a hierarquia clerical), obrigando-os a adorá-la (vv. 14-15).

Nessa função, a terceira pessoa da trindade satânica, o Falso Profeta ou a besta religiosa se apresenta como o Anticristo.

A preposição grega *ANTI*, além de denotar OPOSIÇÃO A, exprime a ideia de substituição: EM LUGAR DE.

O ANTICRISTO é CONTRA Cristo, faz-lhe oposição, por querer OCUPAR O LUGAR dEle, substituí-lo, ou FAZER AS VEZES dEle. A preposição *ANTI*, portanto, é sinônima do vocábulo VIGÁRIO. Esta palavra VIGÁRIO (sinônima de *ANTI*) quer dizer exatamente AQUELE QUE OCUPA O LUGAR DE OUTRO ou O QUE FAZ AS VEZES DE OUTRO.

Este significado, outrossim, é de acordo com a própria origem etimológica latina do vocábulo VIGÁRIO. Com efeito, o termo VIGÁRIO (*VICARIUS*) vem do latim: *VICEM GERERE* (FAZER A VEZ, OCUPAR O LUGAR DE, SUBSTITUIR).

O “papa” é o ANTICRISTO porque ambiciona ocupar o lugar de Cristo na terra, ser o Seu substituto. Com esta arrogante pretensão, é evidente, ele se põe CONTRA Cristo.

Na Dispensação da Igreja (insista-se!), o autêntico e legítimo Vigário de Cristo é o Espírito Santo. O “papa”, o Anticristo, em suas funções de terceira pessoa da trindade diabólica, parodia e caricaturiza a obra do Espírito Santo.

Nessa sua satânica postura de Anticristo, apresenta-se como o VIGÁRIO DO FILHO DE DEUS em manifesto conflito com a promessa de Jesus: “Eu rogarei ao Pai e Ele vos dará outro Consolador, a fim de que esteja para sempre convosco” (João 14:16). Ora, a locução VIGÁRIO DO FILHO DE DEUS em latim é grafada da seguinte forma: *VICARIUS FILII DEI*.

E, para confirmar e corroborar, comprovar e ratificar ser o “papa” o Anticristo, o homem do seiscentos e sessenta e seis, exibo o cálculo gemátrico desse número contido na frase-título:

V	5
I	1
C	100
A	
R	
I	1
U	5
S	
F	
I	1
L	50
I	1
I	1
D	500
E	
I	<u>1</u>
	666

Observações:

- 1) No latim, A, R, S, E, F e outras não são letras numéricas. Por isso, omitimo-las na soma.
- 2) A grafia antiga do U era igual à do V, razão pela qual se apresenta com o mesmo valor.

Ele é o soberano

Como SUMO e SOBERANO pontífice, ambiciona o “papa”, o Anticristo, ser o fundamento e o centro de unidade da sua “igreja”.

É relevante frisar-se o conceito católico de “igreja”. No contexto daquela teologia, a hierarquia clerical de fato e de direito é a “igreja”. Os pobres fieis são os “leigos”.

Lá, quando se fala em “igreja”, alude-se ao clero ou hierarquia da qual o “papa” é a base.

É ele o chefe soberano da hierarquia!

O concílio ecumênico, a assembleia de todos os bispos, só é infalível em suas deliberações, se o “papa”, depois de pessoalmente convocá-lo, estiver presente a presidi-lo e a sancioná-lo.

Os bispos só são infalíveis quando todos reunidos sob a direção direta dele. Sem ele, inexiste a infalibilidade. Mas o “papa” sozinho, isto é, desacompanhado dos “bispos”, é infalível.

É ele o soberano chefe! É o chefe da hierarquia! É o chefe do clero!
DUX CLERI.

Também nesta frase latina *DUX CLERI* (chefe do clero) há o fatal número da besta.

Senão, vejamos:

D	500
U	5
X	10
C	100
L	50
E	
R	
I	<u>1</u>
	666

Observação: As letras E e R em latim não encontram correspondentes numéricos.

Três elementos circundantes concludentes

As Sagradas Escrituras de si mesmas são completas. Nelas próprias encontram-se os esclarecimentos das passagens obscuras à nossa imediata compreensão.

Pelo fato de uma cifra gemátrica poder corresponder a muitos nomes torna-se muito difícil reconhecer com exatidão o nome correto por ela significado.

Não é este, todavia, o caso do seiscentos e sessenta e seis de Apocalipse 13.18. Ao considerá-lo isoladamente dos seus elementos circundantes, se tiver a mente bloqueada por preconceitos, poderá esbarrar em dificuldades quem quer encontrá-las ou quem foge da verdadeira realidade da sua significância.

Além do mais, as muitas circunstâncias ou os muitos elementos circundantes oferecidos por Apocalipse isentam-nos de qualquer dúvida.

Dentre tantos, destacaremos apenas três:

1) O catolicismo é a única religião cuja sede se instala em Roma, a cidade caracterizada pelos sete montes (Apocalipse 17.3, 9), sobre os quais se edifica. Desculpem-me os leitores relembrar-lhes a necessidade da leitura de *A BESTA DO APOCALIPSE* de minha lavra, onde me estendo num estudo acerca da identificação de Roma, a capital do catolicismo, onde se instala o trono do “papa”, o Anticristo (vigário de Cristo).

Roma é a capital do catolicismo também sempre reconhecida pelo “papa” quando “abençoa” na qualidade de “vigário de Cristo”, pois a sua “bênção” é dada “*URBI ET ORBI*” (PARA A CIDADE E PARA O MUNDO). A *URBS* (*URBI* é o caso dativo da terceira declinação), a CIDADE, aqui designa a própria Roma.

A expressão *URBI ET ORBI* (PARA A CIDADE E PARA O MUNDO) da “bênção” do “papa”, ao distinguir a cidade que outra não é senão a própria ROMA, do restante do orbe, essa expressão confirma a Escritura de Apocalipse 17:18, que identifica o sistema católico, regido pelo “papa” com a “*GRANDE CIDADE*”.

2) O “papa” quer ser o vigário de Cristo, o Filho de Deus. É um dos dogmas de fé do tratado *DE ROMANO PONTIFICE*, da eclesiologia romanista.

Ora, VIGÁRIO é sinônimo de ANTI, como vimos no tópico precedente, assunto naquele meu livro por extenso estudado. VIGÁRIO DE CRISTO quer dizer ANTICRISTO.

O Anticristo é a própria besta de Apocalipse 13:1-18 à qual se atribui o número seiscentos e sessenta e seis.

Por conseguinte, é impossível ao “papa” livrar-se da cifra apocalíptica.

3) O terceiro elemento a confirmar a exatidão do nosso cálculo gemátrico é o de ser a cognominada “igreja” apostólica romana “*BABILÔNIA, A GRANDE, A MÃE DAS MERETRIZES E DAS ABOMINAÇÕES DA TERRA*”.

Com efeito, nas Escrituras Sagradas a prostituição emblema a idolatria.

A Babilônia das margens do Eufrates, fundada por Ninrode, bisneto de Noé (Gênesis 10:8-10), é a mãe da idolatria daqueles remotíssimos tempos, pois nela nasceu esse culto e dela se disseminou pelo mundo juntamente com os homens que se espalharam sobre a face de toda a terra (Gênesis 11:1-9).

O sistema católico-romano, nesta Dispensação da Igreja, é a Babilônia mística porque de suas entradas procedem todas as adulterações do Evangelho. Nela se gerou o culto FALSO a Deus por meio da idolatria. A idolatria das imagens, dos “santos”, dos “sacramentos”, dos “sacamentais”, dos ritos litúrgicos, do purgatório, da advogada e refúgio dos pecadores, da missa, da hierarquia, do próprio “papa”...

É a “mãe das prostituições e das abominações da terra” na condição de “*A GRANDE CIDADE*” (Apocalipse 17:18), “*BABILÔNIA, A GRANDE*” (v. 5).

“Mistério”

Tammuz, o primeiro deus criado na Babilônia histórica, tinha muitos nomes que Plutarco os fez subir a dez mil (Wilkinson, *Egyptians*, vol. IV, p. 179).

Dentre estes tantos nome, ele era chamado de SATURNO por ser considerado o deus dos MISTÉRIOS. Se MISTÉRIO é o sistema religioso OCULTO, SATURNO, por representar esse sistema, é o deus OCULTO, ESCONDIDO.

SATURNO e MISTÉRIO são palavras correlatas no vocabulário caldaico porque ambas denotam o significado de OCULTO ou ESCONDIDO.

Da Babilônia dos caldeus, a mãe da idolatria naquelas primordiais épocas, o culto ao deus SATURNO se alastrou pelo mundo então conhecido. Atingiu também a Península Itálica.

Nessa região, esse culto centralizou-se em Roma, que, por isso, antes teve o nome de SATURNIA, cidade ou “residência” de SATURNO e a Itália, o de “a terra saturnina” (Ovídio, *Fasti*, lib. VI, 11; Plínio, *Hist. Nat.*, III, 5;

Aurelius Victor, *Origo Gent. Roman.*, III). O vocáculo SATURNO em sua língua originária, o caldeu, é pronunciado SATUR e a sua grafia consiste apenas das quatro letras: STUR.

Pois bem, esta palavra também encerra o número seiscentos e sessenta e seis. Vejamos!

S	60
T	400
U	6
R	<u>200</u>
	666

“A GRANDE BABILÔNIA”, a atual “mãe das prostituições” por ser a responsável pela criação, proliferação e disseminação do culto falso a Deus através da idolatria, “A GRANDE BABILÔNIA” é apresentada por Apocalipse 17.5 com o nome de “MISTÉRIO”.

Mistério que é oculto, escondido.

Mistério que era o sistema religioso de SATURNO, o deus escondido.

O “papa” é o autêntico representante do deus SATURNO, não só por ter a sua sede em Roma, a antiga SATURNIA, então sede de SATURNO, mas também porque continua e sustenta um SISTEMA OCULTO DE RELIGIÃO.

E, de fato, na conceituação dogmática romanista, na pessoa do “sumo pontífice”, por considerar-se “vigário” de Cristo, se esconde o próprio Espírito Santo.

O “sacramento” da eucaristia em função do qual se celebra a “missa”, o coração da liturgia católica, o “sacramento” da eucaristia esconde, oculta sob as espécies de pão e de vinho, o próprio Jesus Cristo com o Seu Corpo, Sangue, Alma e Divindade. Por isso Tomás de Aquino, num dos seus hinos, chama a eucaristia de “Divindade Escondida” (*Latens Deitas*).

A interpretação das Sagradas Escrituras é vedada e vetada aos fieis por lhes ser oculta, competindo somente ao “papa” por ser ele infalível (?).

No catolicismo tudo é MISTÉRIO. Tudo é OCULTO. TUDO É SATURNO!

Saturno e soturno!!!

Diz a astrologia, enquadrada perfeitamente às feitiçarias romanistas, que as pessoas nascidas sob o signo de Saturno são dotadas de temperamento sombrio, melancólico, enevoado, ensimesmado, escurentado. São inclinadas a se manterem ocultas, escondidas.

São pessoas SOTURNAS, taciturnas, lúgubres.

O catolicismo é tudo isso aí!

Seus ritos são melancólicos. Sua liturgia é escurada e enevoada até pela fumaça do incenso. Seus dogmas são escondidos nos mistérios das definições infalíveis do seu pontífice.

Seus fieis fervorosos são pessoas SOTURNAS na sua trágica desesperança porque o plano de salvação do catolicismo, baseado em méritos provenientes de obras, é o cúmulo da insegurança desesperadora.

SOTURNOS os fieis católicos praticantes porque a salvação deles é sempre um MISTÉRIO, um assunto escondido aqui na terra e oculto num purgatório do além.

No catolicismo tudo é mistério porque o seu “sumo pontífice”, em sendo o Anticristo, é o “MISTÉRIO DA INIQUIDADE” (II Tessalonicenses 2:7). Do “mistério da iniqüidade” só pode proceder o “engano da injustiça para os que perecem” (II Tessalonicenses 2:10).

Conquanto aparente seriedade e nobreza de conduta, a vida do seu clero (salvas raríssimas exceções) é de uma saturnal espantosa pela lama de devassidão a transbordar desde as negociatas financeiras até a exploração mercantilista das almas dos homens, desde as orgias políticas até as bacanais do sexo mais vilipendiado...

Apesar de demonstrar mansidão, cordura e bondade, a hierarquia saturnal atinge os paroxismos da saturnidade pela medonha violência com todas as inimagináveis e sombrias manifestações.

Que o diga a lúgubre “Santa” Inquisição, ainda atuante por meio de recursos mais requintados e mais sinistros do que as antigas fogueiras, os obsoletos cadasfalsos, as medievais masmorras.

Herdeiro histórico e idolátrico do deus oculto SATURNO, encaixa bem no “papa” a cifra seiscentos e sessenta e seis por ser ele o SATURNO da religião em cujo frontispício Apocalipse 17:5, com justíssima razão, fixa o nome “MISTÉRIO, a grande Babilônia, a mãe das prostituições e abominações da terra”.

Saturno e Latino

Se a cifra gemátrica seiscentos e sessenta e seis está no vocábulo SATURNO, também se inclui na palavra LATINO.

Por que essa identidade?

Porque são vocábulos sinônimos em sua língua original.

E realmente SATUR (saturno, em caldeu) e LAT (latino, nesse idioma), donde e derivou a palavra grega LATEINOS, são sinônimos porque ambos (SATUR e LAT) significam escondido, oculto.

Depois de a região da atual Península Itálica haver sido chamada de SATURNIA, passou a se chamar *LATIUM*, que quer dizer: “jaz escondido” (Ovídio, *Fasti*, lib. I, 1; Virgílio, *Aeneid.*, lib. VIII, 1).

A evidência da sinonímia é patente, clara e insofismável tanto que do termo caldeu *LAT* origina-se o verbo latino *LATEO* com significação exata de “estar escondido ou oculto”.

Das flexões desse verbo *LATEO* vieram para o nosso vernáculo as palavras: LATENTE, LATÊNCIA, LATÍBULO.

Consulte-se um dicionário! Toparemos pela ordem a elucidação: oculto, encoberto; propriedade ou capacidade de estar oculto; esconderijo.

Ainda alguma dúvida quanto à sinonímia entre *SATUR* e *LAT*?

De *LAT* caldeu veio a palavra *LATIUM* (Lácio), o nome dado àquela região depois de haver sido chamada de Satúrnia.

De *LATIUM* procederam *LATINUS*, *LATEINOS* (em grego onde há o 666) e *LATINO* em nosso vernáculo. O idioma do Lácio foi o LATIM (oculto, escondido, encoberto).

Esse latim ainda peculiar à hierarquia romanista por ser a língua de mistério como mistério é a Babel-Roma, a antiga Satúrnia, hoje sede da “igreja” romana ou latina, em que tudo é oculto, encoberto e as intenções dos seus hierarcas são sempre subentendidas (latentes) no uso constante e permanente da sua *RESTRICTIO METALIS* (restrição mental, que é o ato de ocultar ou disfarçar parte do pensamento ou intenção para alterá-lo por completo).

O pai da cifra

seiscentos e sessenta e seis

A besta de “dois chifres, parecendo cordeiro” (Apocalipse 13:11) alegoriza o Anticristo, o “papa”, que fala como DRAGÃO.

O DRAGÃO é a “antiga serpente, que se chama diabo e Satanás, o sedutor de todo o mundo” (Apocalipse 12:9).

Essa besta de dois chifres induziu os homens seus seguidores a fazerem uma imagem à primeira besta, o Império Romano (Apocalipse 13:14).

Pelo próprio Satanás “lhe foi dado comunicar fôlego à imagem da besta, para que não só a imagem falasse, como ainda fizesse morrer quantos não adorassem a imagem da besta” (Apocalipse 13:15).

Quem é essa imagem da besta?

Não se trata aqui, evidentemente, de uma estátua de ouro, de qualquer outro metal, de madeira ou de gesso na forma de homem ou de qualquer animal.

A “imagem da besta” é uma figura ou maneira simbólica de mencionar a hierarquia católica.

A hierarquia clerical (o “papa” e os “bispos”) é a imagem da besta.

Com efeito, essa hierarquia é a cópia, a imagem, da organização político-sócio-administrativa do antigo Império Romano figurado na primeira besta de Apocalipse 13:1-10. Tenho, aliás, também um livro sobre A IMAGEM DA BESTA.

Quem não adora essa imagem, isto é quem não se sujeita à prepotente hierarquia clerical ou quem escapa do seu jugo está sujeito às priores perseguições porque ela é o flagelo dos povos e o instrumento do rancor sanguinário.

Há em Curitiba, capital do Estado do Paraná, um sacerdote insigne pela sua cultura, professor na Universidade Católica de lá, que discordou das doutrinas da hierarquia.

Sumariamente, à semelhança das execuções sumárias nos regimes totalitários, foi destituído do seu cargo como ocorria no passado a qualquer fâmulo desamparado das Leis Sociais.

Na Universidade Católica de São Paulo fato idêntico aconteceu com três professores, um dos quais meu amigo de longa data.

Fatos como esses e atuais se os fosse enfileirar encheriam as páginas de um grosso volume. É o terrorismo implantado pela hierarquia!

O “papa”, na condição de Anticristo, posto no fundamento, na base, da hierarquia (a imagem da besta) é a cabeça visível de Satanás, o dragão.

Como o próprio “*mistério da iniquidade*” (II Tessalonicenses 2:7), o “papa”, o detentor da cifra seiscentos e sessenta e seis, é “*o filho da perdição*” (II Tesalonicenses 2:3).

Só um outro personagem é chamado pelas Sagradas Escrituras de “*o filho da perdição*”: Judas Iscariotes, o falso apóstolo, o anti-apóstolo. Assim cognominado pelo próprio Jesus (João 17:12).

E quando determinara cometer a traição, ao tomar Judas o pedaço de pão molhado na celebração da Páscoa, “*entrou nele Satanás*” (João 13:27).

Para que o “papa” pudesse executar tão monstruosa contrafação e tão sutil adulteração do Evangelho com todos os requintes da pompa mundana, só tendo dentro de si o diabo, como ocorreu com o Iscariotes ao consumar a vileza da entrega do Mestre.

Com efeito, reconhece Paulo Apóstolo em II Tessalonicenses 2:9 ser essa iníqua atuação “segundo a eficácia (energia ou grande poder) de Satanás”.

É o diabo, Satanás em pessoa, e não qualquer um dos seus demônios, ou legiões deles ou todos eles juntos, é o diabo, o dragão, o “*pai da mentira*” (João 8:44) que preside o vasto sistema católico através do seu “sumo pontífice”.

Em conclusão, toda a sistemática católica é um imenso culto ao diabo. Quem se submete ao “papa” sujeita-se ao diabo. Quem aplaude o “papa” aplaude o diabo. Quem respeita o “papa” respeita o diabo. Porque o “papa” é o plenipotenciário do diabo.

Aquele mesmo Irineu, o escritor dos fins do século II, que decifrou na palavra *LATEINOS* a gematria do seiscentos e sessenta e seis, também encontrou esse número místico no nome *TEITAN* (*Adv. Haer.*, V, 30), naturalização grega do babilônico *TITAN*.

O idioma caldeu, ao absorver de outros povos os vocábulos com *SH* ou com *S*, transformou estas letras em *T*. A palavra *SHEITAN* passou a ser *TITAN*, como o hebraico *SERAPHIM* se tornou em *TERAPHIM*.

Ora, Satanás, de quem o “papa” é embaixador plenipotenciário e por isso fala como dragão, Satanás (*SHEITAN*), o *TEITAN* não podia deixar de ser marcado com a mesma cifra gemátrica.

T (em grego, tau)	300
E (em grego, epsilon)	5
I (em grego, iota)	10
T (em gego, tau)	300
A (em gego, alpha)	1
N (em gego, nu)	<u>50</u>
	666

A inseparável marca

As empresas transportadoras, a cada volume a seu serviço confiado, assinalam com um número escrito nele próprio e nos documentos que o acompanham.

O catolicismo, o sistema infernal do “*mistério da iniquidade*”, a Babel-Roma não consegue livrar-se desse número seiscentos e sessenta e seis porque com ele inconfundivelmente está assinalado o seu chefe.

Foi por curiosidade! Tendo recebido os volumes de todas as atas das quatro assembleias do Concílio Ecumênico Vaticano II, o celebrado entre 1962 e 1965, fui examinar se encontrava algo que se referisse ao número gemátrico de Apocalipse 13:18.

Impossível ser diferente! Encontrei o seiscentos e sessenta e seis!

Das QUATRO sessões deste Concílio (1962-1965), a TERCEIRA, a celebrada de 15 de setembro a 21 de novembro de 1964, é a MAIS IMPORTANTE de todas pelos resultados havidos e pelos documentos dela emanados.

Durante as suas 48 reuniões ou congregações gerais, ocorreram SEICENTAS E SESSENTA E SEIS discursos ou intervenções.

Exatamente SEISCENTOS E SESSENTA E SEIS!!! E nem podia ser diferente...

E a TERCEIRA SESSÃO é a de todas as sessões do Concílio Ecumênico Vaticano II a marcadamente IDÓLATRA.

De todo o seu documentário se destaca a Constituição Dogmática *LUMEN GENTIUM* (a luz dos povos), por fiscalizar “a constituição hierárquica da Igreja”. É “a peça central de todo Concílio Vaticano II”.

Esse documento de acendrado teor idólatra enaltece o catolicismo como “A ÚNICA IGREJA DE CRISTO”, identificada, aliás, como a própria hierarquia eclesiástica (Cap. III), ambicionada “como sacramento universal de salvação” (48), “NECESSÁRIA PARA A SALVAÇÃO” (14).

No catolicismo, a “sociedade hierarquicamente ordenada” (20), os “bispos” se consideram os legítimos sucessores dos Apóstolos. Unidos entre si, formam uma estrutura monolítica no mundo inteiro cognominada de “união colegial” fundamentada no “papa”, “o romano pontífice, como sucessor de Pedro”, “o perpétuo e visível princípio e fundamento da unidade quer dos bispos quer da multidão dos fiéis” (23).

A terceira sessão do Vaticano II, marcada com a cifra seiscentos e sessenta e seis, com a sua Constituição Dogmática *LUMEN GENTIUM* é a extrema e furiosa consagração da HIERARQUIOLATRIA!

Hierarquia em delírio glorificada também no Decreto sobre o Ecumenismo “*UNITATIS REDINTEGRATIO*” (A Reintegração da Unidade), promulgada ainda nessa Terceira Sessão, a sessão mais importante do Concílio Vaticano II, a Sessão do Seiscentos e Sessenta e Seis.

Absolutamente impossível deixar de incrustar-se no seiscentos e sessenta e seis o ecumenismo, “este movimento de unificação” (1).

Ao estimular a ação ecumênica, o *UNITATIS REDINTEGRATIO* anuncia outra vez a “Igreja”, isto é, a hierarquia clerical, como “a única grei de Deus” (2) e como “instrumento geral de salvação” (3).

Essa Terceira Sessão, na volúpia da idolatria romanista, defende os seus “sacramentos”, os ritos das feitiçarias da “mãe das prostituições”. O do “batismo” pelo qual os cidadãos se unem a Cristo (*Lumen Gentium*, 15), a ele são incorporados (id, 31), por ele se tornam filhos de Deus (id, 11). O da “eucaristia” é engrandecido como “o único sacrifício do Novo Testamento” (id, 28).

O culto das imagens é, outrossim, reconanizado ao sabor de suas sedições tradições (id, 68). A Terceira Sessão do Concílio Ecumênico Vaticano II é a Sessão do Seiscentos e Sessenta e Seis!!! A dos paroxismos delirantes da idolatria.

Hierarquiólatra, episcopólatra, papólatra, batismólatra, eucaristiólatra, iconólatra, forçosamente tem de ser MARIÓLATRA.

O culto a Maria é apoiado ao longo de todo o capítulo VIII da Constituição Dogmática *LUMEN GENTIUM*. Capítulo esse assemelhado a “um incomparável hino de louvor em honra de Maria”, de acordo com as expressões de Paulo VI em seu discurso de encerramento dessa fase do Vaticano II.

Maria é exaltada “como verdadeira mãe de Deus”(53); sua conceição é imaculada, “imune de toda mancha de pecado” (56,59); por sua glorificação “foi assunta em corpo e alma e entronizada como rainha do universo” (59). É proclamada intercessora, corredentora, advogada, refúgio dos pecadores (62). E, através da Constituição Dogmática *LUMEN GENTIUM*, aos 21 de novembro de 1964, a hierarquia clerical, num gesto característico de sua índole SEISCENTOS-E-SESSENTA-E-SEIS define o novo dogma mariolátrico: o de Maria, a MÃE DA IGREJA.

MATER ECCLESIAE, ORA PRO NOBIS! (Mãe da Igreja, rogai por nós), deprecou idolatricamente o pontífice Paulo VI ao definir o novo dogma destinado a “manter alto entre o povo cristão o nome e a honra de Maria” (em seu discurso na oportunidade do encerramento dessa Sessão do Concílio).

O “sumo pontífice” jamais poderia escapar do SEISCENTOS E SESSENTA E SEIS por ser ele o chefe, o “papa” do sistema-mãe das prostituições. Por ser ele, *de iure et de fato* (de direito e de fato) o ANTICRISTO!!!

A tragédia do “PAPA”

“Mistério de iniquidade”, “filho da perdição”, “homem do pecado”, “o iníquo”, é ele o criador e o incrementador, em nome de *TEITAN*, da

apostasia (II Tessalonicenses 2:3-12), ao longo da Dispensação da Igreja, contra a qual ele dirige a falsa “igreja”, paródia da Verdadeira. Falsa “igreja” simbolizada por aquela “mulher montada”, “a mãe das prostituições” (Apocalipse 17:2-5).

Seiscentos e sessenta e seis, a cifra gemátrica que o assinala na condição da besta religiosa de Apocalipse 13:11-18, demonstra a presença de sua nefanda obra de adulteração do Evangelho no decorrer da Economia da Igreja: SEIS no começo de suas atividades; SEIS é a adulteração no decurso do seu ignóbil trabalho; SEIS é a adulteração efetuada no final de sua atuação. SEISCENTOS E SESSENTA E SEIS é a adulteração do Evangelho praticada durante todo o tempo do “papado”. SEISCENTOS E SESSENTA E SEIS exprime ainda a conjugação de todas as energias do “mistério da iniquidade”, quando do “fim do tempo”.

Conquanto arregimentará no “fim do tempo” todos os recursos dos seus diabólicos arsenais, nunca ultrapassará o ponto sintetizado na cifra SEISCENTOS E SESSENTA E SEIS, a culminância a ser atingida pelo orgulho, pela veleidade e pela arrogância de se nivelar e mesmo superar Jesus Cristo.

A cifra do Nome de Jesus é OITOCENTOS E OITENTA E OITO, conforme averiguamos em tópico anterior.

Consoante o Apocalipse, o número SETE é símbolo da plenitude.

Nosso Senhor Jesus Cristo, por conseguinte, ao ultrapassar o SETECENTOS E SETENTA E SETE, é a superplenitude do ser e do poder.

Em contrapartida, O SEISCENTOS E SESSENTA E SEIS, a cifra da besta, o “papa”, é um querer e não poder, pois, conquanto muito se empenhe, jamais chegará nem ao SETECENTOS E SETENTA E SETE.

Ao contrário!

Sua queda é inevitável! Seus esforços, apesar dos aparentes e momentâneos triunfos, redundarão em total fracasso. Revelam essa inexorável caminhada para a decadência a própria disposição dos valores dos algarismos-letras do número SEISCENTOS E SESSENTA E SEIS em latim, a língua peculiar da Babel-Roma: D C L X V I = 500 – 100 – 50 – 10 – 5 – 1.

Nas Escrituras Sagradas, nada é por acaso! A ordem decrescente das letras numéricas denota a inexorabilidade do fim do “papa”, o falso profeta, quando, em companhia da besta política de Apocalipse 13.1-10, será LANÇADO VIVO **“PARA DENTRO DO LAGO DE FOGO E ENXOFRE”** (Apocalipse 20:20), onde aguardará o lançamento posterior do diabo, o dragão (Apocalipse 20:10).

PONTO FINAL!

Sem fantasias ou devaneios, mas com ENTENDIMENTO calculamos o número da besta (Apocalipse 13:18).

O resultado da nossa pesquisa é a inabalável convicção de termos decifrado o número do nome da besta.

Se alguém tiver outro entendimento de maior sabedoria que nos apresente.

Se alguém nos contestar por contestar, então atenda o apelo instante **“SAI DELA”** (da Babel-Roma – Apocalipse 18:4), pois esse contestar por contestar denota compromisso com “a mãe das prostituições” por quem, ousadissim, está envolvido. Ou, no mínimo, um insensato fascínio pela pessoa ou pela atuação do “papa”, o Anticristo, a besta-religiosa de Apocalipse 13:11-18, “*o falso profeta*”, o “*mistério da iniquidade*”.

.oOo.

**Em seus livros, o ex-padre
Aníbal Pereira dos Reis
fala do que conhece bem.**

Durante 16 anos foi um sacerdote católico exemplar e dedicado, tendo recebido inúmeras manifestações de confiança e de apreciação de seus superiores hierárquicos, inclusive o convite para ser um bispo da Igreja Católica Romana.

Quando, pela leitura da Bíblia, se converteu ao Senhor Jesus, não abafou a sua consciência, mas, na impossibilidade de continuar no erro doutrinário, deixou a batina, transformando-se num pregador da graça divina. Percorreu todo o Brasil, de norte a sul, levando a pura mensagem do Evangelho aos corações sem Cristo e esclarecendo sobre a Babilônia dos nossos dias.

Muitas têm sido as almas salvas por Deus através de sua mensagem oral no púlpito ou escrita através de seus livros.

As perseguições que lhe foram dirigidas para fazê-lo calar não silenciaram este soldado de Cristo e, parafraseando

Hebreus 11.4, dele podemos dizer que “por meio de seus livros, mesmo depois de morto, ainda fala”.

O Autor deste livro escreveu um total de 54 livros.